

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXIV Seminário de Iniciação Científica

O HOMEM CORDIAL PERMANECE VIVO, MESMO COM A URBANIZAÇÃO DO BRASIL¹

Reno Schmidt Júnior².

¹ Ensaio teórico realizado durante o curso de graduação em história

² Aluno de graduação do curso de história

Resumo

A obra de Sergio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, apesar de escrita em 1936 permanece atual e relevante. Holanda não foi o primeiro, mas é quem melhor explora, a condição do brasileiro como homem cordial, conduzindo ponderações que implicam nos efeitos dessa cordialidade dentro do Estado brasileiro, que em oposição ao Estado burocrático de Max Weber, no Brasil tem-se o Estado patrimonialista, não devidamente impessoal, mas sim um Estado que reproduz as relações familiares, em seus piores sentidos. Para Holanda o homem cordial estava condenado a medida que o Brasil se tornasse urbano, retirando espaço das relações familiares e convivendo cada vez mais com a impessoalidade das grandes cidades. Infelizmente Holanda estava equivocado, uma vez que o Brasil se urbanizou e o homem cordial perdurou.

Palavras-chave: Homem cordial. Sergio Buarque de Holanda. Formação do Estado brasileiro.

1. Introdução

Entre os anos 1920 e 1945 o Brasil passa por importantes mudanças, com destaque para a Semana de Arte Moderna de 1922, a Revolução de 1930, o golpe do Estado Novo em 1937 e a derrubada de Getúlio Vargas em 1945. Nesse mesmo período o mundo é abalado com a Segunda Guerra Mundial. Foi nesse período que três grandes pensadores do Brasil lançaram suas obras primas. Gilberto Freyre lançou em 1933 *Casa-grande & senzala*, Sergio Buarque de Holanda lançou em 1936 *Raízes do Brasil* e Caio Prado Jr lançou em 1945 *Formação do Brasil contemporâneo*. Apesar de não estarem, diretamente relacionados, essas três obras acabam por tentar entender a formação do homem brasileiro e quais as implicações que tal formação tem e terá para o Brasil.

Dentro dessa linha, se dará destaque para a obra de Sergio Buarque de Holanda e sua constituição do homem cordial, figura presente em nossa sociedade, na composição do Estado brasileiro, responsável, em boa medida, por nossas mazelas.

2. O homem cordial

Infelizmente *Raízes do Brasil*, uma obra seminal sobre a formação do Brasil moderno, seja tão falada e pouco lida. Muitos falam sobre a obra, todavia, poucos compreendem o conceito de homem cordial apontado por Sergio Buarque de Holanda. Para ele o brasileiro seria esse homem cordial, o homem dominado pelo coração (*cordialis*, relativo ao coração), muito doce, muito hospitaleiro, mas também muito violento. Esclarece Rocha (1998), que o homem cordial é para Holanda, aquele que pode ser afável com um estranho e capaz das maiores crueldades no instante posterior e, tal condição de cordialidade teria origem dentro das relações familiares. O homem cordial busca uma proximidade excessiva, tentando criar laços onde não existem, entretanto oculta uma distância intransponível ao outro, garantindo que as diferenças sociais sejam preservadas de uma forma mais

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXIV Seminário de Iniciação Científica

palatável e evitando a exposição a tal conflito. Essa definição é diferente do entendimento corrente, e também apresentado por Aurélio (2000), em que cordial é equivalente a afável.

Decca (2004) afirma que a vida em sociedade seria um subterfúgio do homem cordial frente ao pavor que ele tem de viver consigo mesmo, o que Holanda (1995) reforça estar relacionado com a formação do Estado Português no Brasil. Para Holanda (1995) o Estado tem sua origem na transgressão das relações familiares, uma vez que somente transgredindo tais relações o indivíduo pode se fazer cidadão, contribuinte, eleitor, elegível, recrutável e responsável. Dessa forma, o Estado não seria uma simples replicação das relações familiares, mas sim algo em que princípios abstratos substituem laços de sangue e relações de afeto. Dessa forma, para Decca (2004), a ocupação mole e branda da colonização portuguesa no Brasil, com suas capacidades adaptativas à paisagem tropical, resultou em um Estado brasileiro importador de ideias, com verdadeira ojeriza a individualidade, o que resulta na busca de laços de "amizade", através da cordialidade, onde de fato ela não existe.

As dificuldades de distinção entre o público e o privado não são exclusivas do Brasil, apenas o que pudesse afirmar é que em países mais avançados, economicamente, tal separação teve início mais cedo. É o caso apontado por Perrot (1991), tendo na Europa ocidental ocorrida a separação entre o público e o privado desde o século XVIII, sendo o público identificado como a "coisa" do Estado, enquanto o privado assumiu um sentido familiar especial, deixando de ter um significado negativo e passando a associar-se com o particular. Obviamente, durante as grandes revoluções (a Francesa - 1779 -, por exemplo) as fronteiras entre o público e o privado tenderam a flutuar, uma vez que o espírito público invadiu os domínios habituais da vida privada, porém passada a revolução a situação retomou sua estabilidade normal (PERROT, 1991).

Holanda (1995) vê o Estado como uma abstração, ao contrário de Freyre (2006) que não leva o Estado em grande consideração, preferindo analisar o brasileiro pela cultura, família, costumes, etc, separando raça e cultura, relegando ao Estado um papel menor. Já Prado Jr (2011) busca definir relações, vendo um Brasil voltado para fora (exportador), onde o Estado é economia, sendo formado e moldado de acordo para melhor servir a atividade econômica dominante.

A ideia da composição do Estado é importante, uma vez que, para Holanda (1995) a urbanização pela qual passou o Brasil, permitiria colocar mais a presença do Estado na vida dos brasileiros e com isso separar o indivíduo da comunidade doméstica, afastando-o das "virtudes" familiares. Holanda (1995) acaba vendo a iniciativa pessoal e a concorrência entre cidadãos, como uma condição do Estado moderno, porém tais virtudes seriam antifamiliares, ou seja, não possíveis de serem fecundadas e desenvolvidas dentro das relações familiares.

A família patriarcal, que imperou no Brasil, seria o berço gerador desse homem cordial, que, por outro lado, não seria capaz de resistir a urbanização, que para Holanda (1995) vai além do crescimento das cidades, considerando avanço das comunicações, que resulta em uma aproximação do Brasil rural e urbano. Nesse ambiente, de anonimato e mobilidade social, o homem cordial teria que se render a impessoalidade do Estado com sua burocracia Weberiana, separando o patrimonial do puro burocrata.

Nesse Estado burocrático, apontado por Holanda (1995), prevaleceriam a especialização das funções e o esforço para se assegurar garantias jurídicas aos cidadãos, ao contrário do homem cordial que vê na gestão política assuntos de interesse particular, entendendo que funções, empregos e benefícios são de sua posse e não do cargo em que ocupa.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXIV Seminário de Iniciação Científica

Todavia Rocha (1998), demonstra o erro histórico de Holanda, uma vez que o Brasil passou pelo processo de urbanização e o homem cordial permaneceu vivo, mantendo o mimetismo das relações familiares dentro da burocracia do Estado, ainda tornando impossível definir as fronteiras entre o público e o privado de forma clara.

Matta (1997), vai além, chegando a conclusão de que o homem cordial permanece vivo e presente em nossas relações cotidianas, podendo ser facilmente identificado através de expressões que lhe são típicas, tais como "sabe com que esta falando?" e "aos amigos tudo, aos inimigos a lei". O homem cordial que evita o conflito, porém não aceita as relações impessoais do Estado, acaba por fazer perdurar os problemas sociais nacionais, visto que a, dita, cordialidade é usada para esconder a grande indiferença frente as mazelas sociais. Pesavento (2004) reforça que para Holanda o Brasil só poderia construir um futuro se, efetivamente, se libertasse do passado português, rural e patriarcal, coisa que até o momento não foi capaz de fazer.

3. Conclusões

O homem cordial, idealizado por Holanda (1995), permanece vivo e atuante no Brasil. Infelizmente nem mesmo a urbanização foi capaz de aplaca-lo. O brasileiro que chega ao século XXI permanece indiferente a condição de seus compatriotas, embora permaneça demonstrando uma afabilidade excessiva para com um estranho.

Holanda foi um dos grandes pensadores do Brasil dos anos 1930, junto com Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior. Construiu a figura do homem cordial e foi capaz de buscar na formação histórica nacional a composição desse caráter, que é tão ambíguo e presente na realidade nacional. Para Rocha (1998) o brasileiro, homem cordial, tem duas metades, sendo uma delas de luz e outra de sombra, naturalmente tem-se a tendência de enaltecer a iluminada e a esquecer a sombria. É na iluminada que reside a afabilidade do brasileiro, mesmo que com estranhos (mole e brando), porém é na sombria que estão os problemas nacionais, como a indiferença, o horror aos talentos individuais, a promiscuidade entre o público e o privado, a construção de laços que são superiores as leis, etc.

Holanda (1995) não cria o Estado nacional e nem mesmo o brasileiro, ele apenas retrata e interpreta o que vê. Cabe, efetivamente, a nós decidirmos o que fazer como o homem cordial que reside em cada um.

Referências

- DECCA, Edgar Salvadori de. In: AXT, Gunter (Org.); SCHÜLER, Fernando (Org.). Intérpretes do Brasil. 1 ed. Porto Alegre RS: Artes e Ofícios, 2004. Capítulo 13, p. 214-228.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Miniaurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa. 4 ed. Rio de Janeiro RJ: Nova Fronteira, 2000.
- FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala. 51 ed. São Paulo SP: Global, 2006.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. Raízes do Brasil. 26 ed. São Paulo SP: Companhia das Letras, 1995.
- MATTA, Roberto da. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6 ed. Rio de Janeiro RJ: Rocco, 1997.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. In: AXT, Gunter (Org.); SCHÜLER, Fernando (Org.). Intérpretes do Brasil. 1 ed. Porto Alegre RS: Artes e Ofícios, 2006. Capítulo 11, p. 195-219.
- PRADO JR, Caio. Formação do Brasil contemporâneo. 1 ed. São Paulo SP: Companhia das Letras, 2011.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXIV Seminário de Iniciação Científica

ROCHA, João Cezar de Castro. Literatura e cordialidade: o público e o privado na cultura brasileira. 1 ed. Rio de Janeiro RJ: EduERJ, 1998.